

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

N.º 41



POSSE DO ACADÊMICO

MESSIAS GONÇALVES TEIXEIRA



13100 — CAMPINAS — ESTADO DE SÃO PAULO — BRASIL

(1 9 8 2)

CMP2.31.273

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

N.º 41



Das culturas se exaltam em noite solene da Academia:
um professor se empolga ao resplando os louros de dis-
tribuidor do saber como para a inteligência,
enquanto vinham ocupar a cadeira de operador da ca-
ridade, a cadeira n.º 10. O jornalista humani-
tário e bom, o fundador da Academia profundamente ca-
ritativa de quem viveu para beneficiar o seu próximo florin-
do sua vasta cultura jurídica com o esplendor de uma cari-
dade a mancheias distribuída pelos carentes.

Serata de duas culturas contidas nos discursos que se
realizaram, do acadêmico e do intelectual, professor que também en-
sina com o querer bem a seus discípulos e à sua ciência.

POSSE DO ACADÊMICO

MESSIAS GONÇALVES TEIXEIRA

Messias Teixeira



13100 — CAMPINAS — ESTADO DE SÃO PAULO — BRASIL

(1 9 8 2)

CMPS.3.1.2.38

N.º 41



POSSE DO ACADÉMICO

MESSIAS GONÇALVES TEIXEIRA

Messias Gonçalves Teixeira



DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Duas culturas se exaltam em noite solene da Academia: um professor se empossava recebendo os louros de distribuidor do saber como peregrino de luz para a inteligência, enquanto vinham ocupar, com sua auréola de operário da caridade, a cadeira n.º 11 patrocinada pelo jornalista humanitário e bom, e fundada pela humanidade profundamente caritativa de quem viveu para beneficiar o seu próximo florindo sua vasta cultura jurídica com o esplendor de uma caridade a mancheias distribuída pelos carentes.

Serata de duas culturas contidas nos discursos que se reúnem, do apóstolo do ensino que alimentou tantos intelectos e do catedrático da história, professor que também ensina com o querer bem a seus discípulos e à sua ciência.

E eu me felicito por ter presidido esta reunião de culturas e ainda a do saber com a bondade.

Meu grande Amigo e Colega VICENTE DE CARLOS FOOT GUDMARAES.

Não sei como agradecer ao nosso preclaro Presidente e aos nobres Confrades a expressiva votação com que me elegeram para esta Egrégia Academia.

Celso Maria de Mello Pupo,
presidente.

Jamais, em minha vida, poderis esquecer-me neste soberbo Sodalício e aqui mourear em companhia de tão destacados Imortais.

Em verdade vos digo, se aceitei tão honroso convite foi com o propósito de ser verdadeiro PARTICIPANTE, e não mero assistente, como podia acontecer. Nunca tive vocação de assistir, de bater palmas, mas, sim, de arregaçar as mangas, entrar na lida, e fazer o que puder. Agradeço, pois, a

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS, PRONUNCIADO PELO ACADÊMICO MESSIAS GONÇALVES TEIXEIRA, NO DIA 22 DE MARÇO DE 1982

Sr. Presidente,
Autoridades Cíveis, Autoridades Militares, Autoridades Eclesiásticas,
Senhoras, Senhores,
Senhores Acadêmicos:

Confesso, humildemente, seja, talvez, a data máxima de minha vida o dia 9 de novembro de 1981, data em que fui eleito para esta Academia Campinense de Letras. Irei ocupar a cadeira n.º 11, cujo Patrono é o ilustre Jornalista JÚLIO MESQUITA e, há pouco, deixada pelo meu grande Amigo e Colega Vicentino DR. CARLOS FOOT GUIMARÃES.

Não sei como agradecer ao nosso preclaro Presidente e aos nobres Confrades a expressiva votação com que me elegeram para esta Egrégia Academia.

Jamais, em minha vida, poderia eu esperar viesse assentar-me neste soberbo Sodalício e aqui mourejar em companhia de tão destacados Imortais.

Em verdade vos digo, se aceitei tão honroso convite foi com o propósito de ser verdadeiro PARTICIPANTE, e não mero assistente, como podia acontecer. Nunca tive vocação de assistir, de bater palmas, mas, sim, de arregaçar as mangas, entrar na lida, e fazer o que puder. Agradeço, pois, a

todos os que garantiram a alentada votação que eu consegui. Tal acontecimento constituiu, a mim, sagrado compromisso de bem servir a nossa Academia.

Dando, efetivamente, início à minha difícil missão, devo falar, primeiramente, do meu Patrono, neste Sodalício, JÚLIO MESQUITA, o inesquecível campineiro que tanto sublimou a sua terra.

Nasceu Júlio Mesquita, em Campinas, no dia 18 de agosto de 1862. Era Campinas conhecida por cidade muito **bairrista**, o que, de certo modo, é bem justificado. Era cidade de tradição, de nome e de cultura modelares. Havia bem motivos para isso. Aqui viviam os autênticos republicanos — os primeiros republicanos do Brasil — que deram motivos a que chamassem, a Meca da República brasileira. Naquele tempo, Campinas já possuía um dos melhores Colégios do Brasil, por onde passaram grandes professores e alunos muito distintos. Era o “COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA”, ainda, hoje, afamado.

Francisco Ferreira de Mesquita, pai do nosso JÚLIO MESQUITA, era português de origem, e para aqui viera, diretamente para Campinas, para ser comerciante — como quase todos os portugueses o eram. Fixou-se na rua de Baixo, hoje LUSITANA, em companhia de outros muitos patrícios, a quem a rua deve o seu nome. Eram comerciantes muito honestos que com suado labor, viriam, aqui, ganhar a vida.

Francisco Ferreira de Mesquita, em 1873, com outros patrícios seus, fundaram a “Sociedade Portuguesa de Beneficência”, hoje mais que centenária, e que prodigaliza, ainda, no presente, magnífica assistência médico-hospitalar aos seus associados, entre eles grande número de campineiros.

JÚLIO MESQUITA foi batizado na Matriz Velha, hoje Basílica do Carmo. Frequentou, em Campinas, as três melhores Escolas de seu tempo: 1.ª A Escola Ghirlanda, frequentada pelos melhores jovens daquele tempo; o professor de Doutrina Cristã era o Padre Viera, fundador da nossa Santa

Casa de Misericórdia; o 2.º Colégio foi o “Internacional”, fundado pelos pastores protestantes, os conhecidos Dr. George Morton e o Dr. Edward Lane. Isto se deu em 1872 (tinha JÚLIO MESQUITA, então, 10 anos de idade). Aí, foram seus colegas os grandes brasileiros Renê Barreto e Paulo de Moraes Barros.

Foi, finalmente, aluno do Colégio “Culto à Ciência” — este mesmo que Campinas possui hoje — e que foi inaugurado em 12 de janeiro de 1874.

Em 1876, JÚLIO MESQUITA sobressai nos exames que prestou à Faculdade de Direito, do Largo de São Francisco, em São Paulo, obtendo o 1.º lugar entre os concorrentes.

Como acadêmico, já externava suas idéias republicanas, colaborando no Jornal da Academia) “A REPÚBLICA”. Diplomara-se em 1883, com, apenas, 21 anos de idade.

No ano seguinte, JÚLIO MESQUITA entrava como colaborador efetivo do Jornal “A Província de São Paulo”, que mais tarde seria o seu grande “O Estado de São Paulo”. Sua brilhante carreira jornalística, iniciou, por assim dizer, e terminou — lutou 43 anos — no dia 15 de março de 1927. Republicano convicto, admirável polemista, (manteve polêmica com Júlio Ribeiro, seu grande professor de Português, no “Culto à Ciência”), foi fluente orador no banquete dos republicanos (1882), apenas com 20 anos e estudante, ainda.

Em 1887 era JÚLIO MESQUITA eleito vereador à Câmara Municipal de Campinas, período difícil, o da FEBRE AMARELA, no ano de 1889, o da Proclamação da República.

Proclamada a República, foi JÚLIO MESQUITA convidado para secretariar o Governo Provisório de São Paulo. Não concordando com o Marechal Deodoro, o proclamador da República, porque dissolveu o Congresso, em 3-11-91, resignou ao mandato, por discordar de tal absolutismo. Muitas vezes convidado para ocupar altos cargos no Governo, jamais aceitou, porque sua ambição era o IDEAL. Em 1893, foi eleito Deputado Federal por São Paulo.

Outra dissidência foi com o Presidente Rodrigues Alves que propõe Altino Arantes para Vice-Presidente da República.

Fez sempre — como, ainda, hoje, seus descendentes — do seu Jornal o paladino da Liberdade na luta pela tão decantada DEMOCRACIA.

Em 1917, durante a 1.^a Grande Guerra Mundial, vieram a São Paulo Rui Barbosa e Coelho Neto para falar aos jovens acadêmicos da Faculdade de Direito, sobre o Brasil na Guerra. JÚLIO MESQUITA abriu-lhes as portas de “O Estado de São Paulo”, aos nobres visitantes. Desse movimento, nasceu a Liga Nacionalista, criada por JÚLIO MESQUITA FILHO e outros, que se batiam pelo Serviço Militar Obrigatório e pelo Voto Secreto, poderosas armas da Democracia.

Em 1919, apóia, novamente, a Rui Barbosa contra a chapa situacionista que elegeria Rodrigues Alves, para Presidente da República, que nem posse chegou a tomar, pois falecera antes.

Foi JÚLIO MESQUITA verdadeiro paladino do IDEAL, da CORAGEM, da FIRMEZA, de INTRANSIGÊNCIA, quando a serviço da Pátria, do DESPREENDIMENTO e da NOBREZA.

Se a Imprensa fora a sua vida, o “Estado de São Paulo” (o Estadão) fora a sua grande obra, o seu grande sonho. Obra máxima da Imprensa Nacional como, ainda o é nos dias atuais. Este Jornal que foi fundado em 4 de janeiro de 1875, dos seus fundadores em número de 21,9 eram camponeses. Vinha, pois, ainda, da “Província de São Paulo”. Em 1885, estava JÚLIO MESQUITA em Portugal e de lá enviou várias colaborações ao seu Jornal. Em 1891, aos 29 anos de idade, assume a direção de “O Estado de São Paulo”, o maior sonho de sua vida. Dirigiu, esse gigante da Imprensa, durante 36 anos, até que a morte o veio buscar, em 15 de março de 1927. JÚLIO MESQUITA lutou a vida inteira pela LIBERDADE e pela DEMOCRACIA.

Se teve ele os seus inimigos, quem não os têm? “As crianças só atiram pedras nas árvores que têm bons frutos”. Ad-

mire-se, portanto, aquele sobre quem o ouro não teve império.”

E falar agora, de quem sucedo nesta Academia, o DR. CARLOS FOOT GUIMARÃES? É missão, deveras, difícil! O Dr. Foot Guimarães era tão HUMILDE que jamais propalou, a quem quer que fosse, o que fazia. Com muito custo, conseguimos — na Família — dados, somente, de IDENTIFICAÇÃO. Com muito esforço, então, em conversa com muitos conhecidos nossos, conseguimos — muito longe de seu justo valor — outros dados que não completam os seus reais merecimentos. Vamos, assim, tentar:

CARLOS FOOT GUIMARÃES nasceu em Jundiaí, neste Estado, em 20 de abril de 1909. Seus pais Carlos Hummel Guimarães e D. Georgina Foot Guimarães.

Fez o Curso Primário na Escola Paroquial “Francisco Telles”, em Jundiaí. O Secundário, ele fez no Colégio “Culto à Ciência”, nesta cidade.

Em 1932, como Acadêmico da Faculdade de Direito, do Largo São Francisco, participou do movimento revolucionário chamado “REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA”, lutando no setor de São Bento do Sapucaí.

Concluindo o Curso de Direito, em 1933, foi advogado na cidade de Piracicaba, onde em concurso público promovido pelo Ministério da Educação e Cultura, ocupou o cargo de Inspetor Federal do Ensino Secundário, no Colégio Piracicabano.

Em 1936, mudou-se para São José do Rio Preto, onde permaneceu durante cinco anos, exercendo a advocacia e a Inspetoria do Ginásio São Joaquim.

A partir de 1942, radicou-se nesta cidade de Campinas, onde, além de militar no Fórum local, deu continuidade à sua carreira no Magistério, atuando como Inspetor Federal no Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e, também, nos Colégios Cesário Mota, no Colégio “Culto à Ciência (onde fora aluno), no Ginásio Dom Barreto e no Instituto da Imaculada Conceição.

Na década de 50, participou da vida política desta cidade, como um dos fundadores do PDC (Partido Democrata Cristão), onde atuou como seu Presidente e ocupou a cadeira de vereador, como 1.º Suplente.

Em 1951, a convite do C.º Dr. Emílio José Salim, primeiro reitor da PUCC, incumbiu-se da fundação da Faculdade de Direito, daquela Universidade, cuja Direção exerceu até 1976, ocupando, também, a Cadeira de Direito Civil, como titular.

Em 1976, afastando-se da Direção da Faculdade de Direito, por motivo de saúde, recebeu do então reitor Prof. Dr. Benedito José Barreto da Fonseca, o título de Diretor Emérito, homenagem à sua total dedicação, durante todos esses anos, à Universidade e, em particular, à Faculdade de Direito.

Como Professor, continuou titular da cadeira de Direito Civil, por mais 4 anos, até o término do ano letivo de 1980, completando 30 anos de profunda dedicação à causa do Ensino, à causa da juventude.

Foi, também, Conselheiro decano da PUCC, Membro-Diretor da Ordem dos Advogados do Brasil, secção de Campinas, Membro desta Academia, Membro do Conselho Deliberativo da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC) e do Conselho Fiscal da Equipamentos Clark S/A.

Faleceu em 11 de janeiro de 1981.

Nessa trabalhosa vida profissional de quase meio século (48 anos), o nosso homenageado, no Direito e no Ensino, foi pródigo em realizações e benemerências. Como professor Universitário, os milhares de alunos que por ele passaram sentem até hoje profundíssima saudade; como Diretor da Faculdade de Direito da PUCC construiu invejável estima dos alunos e dos professores pela infinita bondade e suma JUSTIÇA no tratamento de todos. Como advogado, no Fórum e no seu escritório particular, via, em primeiro lugar, a defesa da Verdade em benefício dos pobres. Jamais pensou em dinheiro. Membro do Superior Conselho Administrativo da

PUCC, muitas vezes, tomou a si a causa dos Professores e funcionários mais humildes, tudo fazendo para impedir injustiças contra os mesmos.

Foi fundador e Presidente da Conferência de Santo Ivo (de São Vicente de Paulo), que funcionou por bom tempo, no Fórum desta cidade: Aí, os mais pobres e pequeninos eram objeto de sua missão, de suas preocupações. Com seus companheiros Vicentinos fazia visita domiciliar àqueles que, no Fórum, descobria-lhes as mais prementes necessidades.

Contou-me o nobre Acadêmico e meu dileto Amigo Mons. Luiz Fernandes de Abreu que, muita vez, viu o Vicentino Carlos Foot Guimarães acompanhado do Acadêmico e Vicentino Dr. Néelson de Noronha Gustavo, às 7 horas da manhã, aos sábados, em frente a casa deste, com o carro abarrotado de mantimentos e objetos de uso pessoal, e que iriam levar aos bairros mais pobres da cidade e só voltavam ao meio-dia. Admirável vicentinismo destes dois irmãos! O Confrade acadêmico e Vicentino Dr. Néelson de Noronha Gustavo — perdoem-lhe a modéstia — mantém na Vila Ipê e no Jardim São Marcos, perfeitas obras-primas de assistência aos pobres envergonhados. São Bibliotecas, consultórios médicos e dentários, dirigidos por voluntários exemplares, Centros Profissionalizantes para todas as idades e uma Creche, no Jardim São Marcos, em que ele sozinho despendeu vários milhões de cruzeiros na sua construção. E isto ele não conta a ninguém. É espírito Vicentino.

Ser Vicentino é missão difícil, mas não impossível, sobre ser muito compensadora. Não é preciso ser rico de DINHEIRO. É preciso ser rico da vontade de SERVIR. É preciso dar do seu, o que puder, mas o mais importante é DOAR-SE aos pobres, aos doentes. A visita aos POBRES, aos DOENTES é grande graça de Deus. Muita vez, o doente que jamais recebe visita, recebendo a do Vicentino ele chora de alegria! Que dom divino, mas que muitos não têm a graça de receber.

Com a graça de Deus, trasanteontem (dia 19 de março, dia de São José, o Patrono dos Trabalhadores), completei eu

49 anos de vida vicentina, de membro da Sociedade de São Vicente de Paulo. E me sinto, por tanto, altamente gratificado na vida, talvez como poucos podem pretender. Passando para outro pólo, diremos:

Homens como o Dr. CARLOS FOOT GUIMARÃES, nosso ilustre antecessor nesta Academia, constituem "AGULHA EM PALHEIRO", como dizia Camilo Castelo Branco. Homens, assim, quase não existem. E, se existirem, não são, em vida, muito lembrados. Mas não faz mal. A sua HUMILDADE encobre-lhe os méritos. Mas a Deus ninguém engana. "Dias virão que muito bem de mim dirão", já é antigo provérbio. E o que interessa aos grandes homens é o soberbo passo evangélico: "Os últimos serão os primeiros".

Foi, por tudo o nosso antecessor nesta Academia, o Dr. CARLOS FOOT GUIMARÃES, um homem hímplis, humilde e bom; honesto, justo e paciente; equânime, líder e culto e, e acima de tudo, um homem que muito amou a Deus!

Como afirmei no início de minha fala, aceitei a eleição para a Academia Campinense de Letras, para, efetivamente, PARTICIPAR, e não somente, para assistir, bater palmas e dizer AMÉM. Tenho sido, sou e serei vigorosamente IDEALISTA, vendo sempre, em primeiro lugar, os meus IRMÃOS e até, freqüentemente me esquecendo de mim mesmo e da Família. Mas não faz mal. Os frutos estou, agora, colhendo, graças a Deus.

Permita nosso Pai comum que eu encontre em meus nobilíssimos PARES o sincero desejo de crescer esta Academia. Planos idealistas eu os tenho e somente posso realizá-los com o poderoso estímulo de nobres companheiros. Mestres os há quase a metade dos Acadêmicos e, depois, advogados, médicos, militares, engenheiros, jornalistas, cirurgião-dentista, farmacêutico e o nosso grande e incomparável sacerdote Mons. Luiz Fernandes de Abreu e ainda, o pastor protestante Rev. Júlio de Andrade Ferreira. Plêiade maravilhosa de intelectuais! Aqui, poderei desenvolver, se Deus quiser, o meu apostolado cívico, moral-religioso e, o mais

de meu feitio, o apostolado ESPIRITUAL que tem sido, em todos os tempos, o mais ridente sonho de minha vida.

Com ser tarefa muito difícil para as minhas apoucadas forças, eu espero em Deus e nos ilustres colegas acadêmicos que tudo para nós será possível.

Tenho nos meus planos e, ajudado pelos meus nobres Confrades, publicar, semanalmente ou dentro de uma quinzena, nos JORNAIS da cidade, numa Coluna Acadêmica, PÁGINAS ETERNAS, de autores nacionais, portugueses e de outras nacionalidades, bem sintéticas, pequenas mesmo, para que quantos mais leiam e tomem o gosto da boa-leitura, da leitura que edifica, que constrói, que engrandece, que forma o dom de os jovens e os outros, também, se encantarem pelo que é divino. A boa-leitura é como a boa-música que constitui refrigério nos mais difíceis momentos de nossa atribulada missão.

Manter, em idênticas condições, semanalmente ou um pouco mais, Coluna Acadêmica que nos Jornais da nossa terra tragam a proveitosa lição de QUESTÕES PRÁTICAS DE LINGUAGEM, (em ordem alfabética.) Questões, ao alcance de todos, mas que, infelizmente, pouca gente tem delas conhecimento. É o que se vê entre altos dignitários dos poderes públicos e particulares que erram na sua fala, nos seus escritos e nos seus discursos, dando-nos deles impressão de pesar, de compaixão e de profundo desencanto.

O último dos PLANOS será o plano nacional da EDUCAÇÃO de todos, pois a EDUCAÇÃO, entre nós, vai de mal a pior. E quem nos pode negar? Só podem negar os que VÊEM, mas não OLHAM; os que OUVEM, mas não ESCUTAM.

Neste caso, especificamente, os Governos poderiam por nós ser ajudados. Nesta casa, em que, os Professores formam a MAIORIA. Um dos meios de os POBRES, mas de comprovado VALOR, serem ajudados, é o das BOLSAS DE ESTUDO, que se dão por justo MERECEMENTO. Mas o que acontece, quase sempre, é premiar a inversão de valores, dando bolsas aos filhinhos de papai — pessoas ricas ou funcionários altamente MORDOMADOS que nunca precisariam

de tais favores, em detrimento dos que verdadeiramente precisam e merecem como prêmio, e não, CARIDADE.

Tenho como REALIZÁVEIS estes planos, desde que meus magnânimos Confrades dêem-nos as mãos e o valioso apoio de que tanto precisamos, na salvação nacional. Tudo é fácil, tudo é possível, tudo é quase nada desde que demos, firmemente, as nossas mãos salvadoras.

Que minhas penúltimas palavras sejam ao Acadêmico Prof. ODILON NOGUEIRA DE MATOS. Esse reconhecido INTELECTUAL, que toda a Campinas conhece e reconhece como grande MESTRE. É bondade, é cultura, é coração, é distinção, é lhaneza por demais, é espírito profundamente humano, a par da HUMILDADE encantadora. Ele canta com todos os felizes, ele ri com todos os que se divertem e ele chora com os que precisam chorar. Falar de ODILON NOGUEIRA DE MATOS é incorrer no mais repetido PLEONASMO. É o homem que sempre dá em dobro, mesmo que nada receba, ou receba ingratidão. Mesmo que venha o pontapé, como quase sempre sói acontecer, ele, tenho certeza, dirá bondosamente: ABENÇOADO PONTAPÉ. Assim, dizem os SUPER-HOMENS, e todos sabem que o Prof. ODILON NOGUEIRA DE MATOS é mais que SUPER-HOMEM.

E o que dizer de D. LOURDES, sua amantíssima ESPOSA? Minha Madrinha com todo orgulho, e com toda honra. Meiga, generosa e alma de artista são os encantamentos que de seu espírito superior promanam para os que têm a felicidade de conhecê-la. Deus lhe pague, Madrinha Lourdes, pois a senhora e angelical. Nosso agradecimento por tudo que nos tem feito em todas as horas de nossa vida.

E minhas últimas — últimas, sim, — palavras que revolvem o meu coração eu as reservei à minha FAMÍLIA: À minha querida esposa MARIA EDWINA que me tem apoiado nos momentos mais felizes e sofrido comigo atingida, também, pelas 3 palavras infames começadas por I. Cuidado, minha gente, cuidado meus Colegas. Estas PALAVRAS são: INGRATIDÃO, INJUSTIÇA e INVEJA. Elas dominam o mun-

do, elas são companheiras inseparáveis dos ingratos, dos injustos, dos invejosos. E destes, o mundo está repleto

Aos meus 5 filhos, que alegria santa me deram: TRABALHANDO e ESTUDANDO conseguiram fazer o CURSO SUPERIOR; aos meus 3 genros e 2 noras que, em idênticos níveis de cultura, vieram engrandecer minha Família; e que dizer dos 15 netos? o mais velho, o FÁBIO, que conta, apenas, 12 anos. E a única netinha, a PAULA, com 6 aninhos, somente. Belíssima CRECHE tem o Prof. Messias, dirão os meus caros ouvintes. É por isto tudo que não deve haver, neste mundo, criatura mais feliz do que eu.

LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO!

Excelentíssimos Acadêmicos,

Noras e Iustres visitantes,

Senhor Acadêmico Messias Gonçalves Teixeira,

Permito-me recordar frase que, ainda menino de ginásio, ouvi do grande Belmiro Braga, nos bons tempos em que residia em Juiz de Fora; costumava ele visitar com frequência nosso querido Granbery, menos para suas funções de Inspetor Federal que para as reuniões literárias que a todo instante celebravam o calendário do colégio; numa dessas reuniões pôs-se o autor de Tarde Florida a nos iniciar, a nós que estávamos concluindo o curso de humanidades, na arte da oratória, da retórica e de outras coisas mais que deslumbravam nossos espíritos de jovens em fase de formação; falando dos discursos circunstanciais ou especiais, dirigidos a determinada pessoa, deu-nos este conselho: antes de fazer o discurso, procure saber se o homenageado gosta de discursos; se não gostar, não faça; e se gostar, faça-o da maneira mais curta possível, pois o auditório é que poderá não gostar.

Pensava nesta lição de Belmiro Braga quando recebi do acadêmico que hoje se enpossa em nosso sodalício alguns

RECEPÇÃO A MESSIAS GONÇALVES TEIXEIRA NA
ACADEMIA CAMPINEIRA DE LETRAS

Excelentíssimo Acadêmico Celso Maria de Mello Pupo,
Digníssimo Presidente da Academia Campinense de Letras;
Excelentíssimos Acadêmicos;
Nobres e ilustres visitantes;
Senhor Acadêmico Messias Gonçalves Teixeira.

Permito-me recordar frase que, ainda menino de ginásio, ouvi do grande Belmiro Braga, nos bons tempos em que residi em Juiz de Fora; costumava ele visitar com frequência nosso querido Granbery, menos para suas funções de Inspetor Federal que para as reuniões literárias que a todo instante assinalavam o calendário do colégio; numa dessas reuniões, pôs-se o autor de **Tarde Florida** a nos iniciar, a nós que estávamos concluindo o curso de humanidades, na artimha da oratória, da retórica e de outras coisas mais que deslumbravam nossos espíritos de jovens em fase de formação; falando dos discursos circunstanciais ou especiais, dirigidos a determinada pessoa, deu-nos este conselho: antes de fazer o discurso, procure saber se o homenageado gosta de discursos; se não gostar, não faça; e se gostar, faça-o da maneira mais curta possível, pois o auditório é que poderá não gostar.

Pensava nesta lição de Belmiro Braga quando recebi do acadêmico que hoje se empossa em nosso sodalício alguns

do, eles são comparáveis às palavras dos antigos dos in-
justos, dos invejosos. E destes, o mundo está cheio.
Aos meus filhos, que a vida não me dá mais
BAILHANDO e ESTUDANDO conseguiram fazer o CURSO
SUPERIOR, aos meus filhos e filhas que em idênticos
níveis de cultura, estavam engrandecendo minha família; e que
dizer dos 15 netos? o mais velho, o FABIO, que copia ape-
nas 12 anos. E a única netinha, a PAULA, com 6 aninhos,
somente, belíssima. CRECHE tem o Prof. Messias, dirão os
meus caros ouvintes. E por isso tudo que não deve inventar
neste mundo, o mundo mais feliz do que este. LAUTCELENTI
ALOUADO SÊLA NÔSSO SÊNHOR JÊSUUS CRISTO!
humano. Ele canta. Ele encanta. Ele canta. Ele canta. Ele
tudo o que se faz, se faz para se divertir. Falar de ODILON NO-
GUEIRA DE MATOS é falar de um homem que não se cansa de
receber, ou receber alguém. Mesmo que venha o pontapé,
como quase sempre acontece, ele, tenho certeza, dirá
bondosamente: ABÊMÊM O PONTAPE. Assim, dizem os
SUPER-HOMENS, e isso sabem que o Prof. ODILON NO-
GUEIRA DE MATOS é um homem que sabe que SUPER-HOMEM.

E o que diz de si? LURDES, sua amantíssima ESPO-
SA? Minha Madrinha, com todo orgulho, e com toda honra,
Meiga, generosa e alma de artista são os encantamentos que
de seu espírito superior prometam para os que têm a felicidade
de conhecê-la. Deu de pagar, Madrinha Lourdes, pois
a senhora é e angélica, e agradeço por tudo que
nos tem feito em todas as horas de nossa vida.

E minhas últimas — últimas, sim, — palavras que revol-
vem o meu coração e se observam à minha FAMÍLIA. A mi-
nhã querida esposa MÊMÊ EDWINA que me tem agolado
nos momentos mais felizes e sofridos comigo atingida, tam-
bém, pelas 3 palavras que começam por I. Cuidado,
minha gente, cuidado com os Colegas. Estas PALAVRAS são:
INGRATIDÃO, INJUSTIÇA e INVEJA. Elas dominam o mundo

dados acerca de aspectos expressivos de sua personalidade, certamente com o objetivo de me facilitar a compor-lhe o perfil nesta hora tão significativa para ele, para todos nós que o elegemos como um dos nossos pares e também para todos os que lhe são caros. Entre esses dados pessoais, vinha este: “detesta discursos longos e palavras difíceis e rebuscadas”. Quanto às “palavras difíceis e rebuscadas”, não haverá problema, pois não as saberei dizer mesmo. E quanto aos “discursos longos”, também poderá o nobre acadêmico ficar tranqüilo que procurarei não exceder dos limites, embora ele não me desse nenhuma indicação acerca de qual deverá ser este limite.

Estava quase sugerindo ao nosso preclaro Presidente que substituísse minha fala por uma declaração alta e de bom som e que não contivesse mais que três itens: 1.º, Fica emposado, em caráter vitalício, na Cadeira n.º 11 desta Academia, o sr. Messias Gonçalves Teixeira; 2.º, Revogam-se as disposições em contrário; e 3.º, numa fórmula bem parlamentar e solene: Augustos e Digníssimos Acadêmicos e Nobres Visitantes, está encerrada a sessão.

Mas, meu nobre confrade Messias Gonçalves Teixeira, nossos estatutos dispõem de maneira um pouco diferente e algumas coisas tereis que ouvir daquele que, num gesto de nímia delicadeza, escolhestes para vos receber nesta casa; escolha que não posso atribuir senão à velha amizade que nos une e às inúmeras afinidades culturais e espirituais que tanto nos aproximam, o que constitui para mim distinção imperecível nesta reunião tão bonita e seleta, quando a Academia Campinense de Letras vos acolhe entre os seus membros titulares.

Na memorável noite em que fostes eleito, na votação talvez a mais expressiva já ocorrida nesta Casa, um dos nossos confrades, comentando o resultado, teve esta bonita frase para com vossa pessoa: “Com esta eleição, vamos ter um companheiro de verdade”. A frase me agradou profundamente não apenas por traduzir uma realidade que começou a verificar-se mesmo antes de vossa posse, mas também por-

que sinto na ausência desse companheirismo uma das falhas de nossa vida acadêmica. Não apenas de nossa Academia, mas de todas as academias. Pelo menos, é a experiência que tenho, das quatro a que me honro de pertencer e o mesmo poderão testemunhar outros confrades que, tanto quanto eu, ou mais até, têm idêntica experiência, pois pertencem também a outras entidades similares. Alguém me perguntava, há pouco, por que as Academias precisam ter quarenta acadêmicos se os que efetivamente dela participam mal chegam a vinte; bastaria, pois, que tivessem vinte. Minha resposta foi a única que poderia dar: o dia em que o número for vinte, certamente apenas dez comparecerão... Há, naturalmente, aqueles que, embora sem freqüentarem a Academia — por motivos justos e ponderáveis — dela, contudo, não esquecem, especialmente nos seus escritos ou em manifestações indiretas de vida acadêmica. Estes, é claro, consideramo-los sempre presentes. Mas quero me referir principalmente aos que a ignoram completamente. Em muitas academias — felizmente não é o caso da nossa — tem ocorrido casos de pessoas que lutam acirradamente para conseguir ser eleito, muitas vezes lançando mão até de recursos pouco compatíveis com a dignidade acadêmica, e, uma vez eleitos, continuam como se não o tivessem sido. Ou ainda o caso daqueles que, em certa época de suas vidas serviram-se das Academias, mas recusam-se depois a servi-la quando elas deles necessitaram. Eis porque, Senhor Acadêmico Messias Gonçalves Teixeira, agradou-nos o sentido de companheirismo pressuposto pelo nobre confrade na noite de vossa eleição. Tanto quanto as qualidades intelectuais, de escritor e professor, que exornam vossa personalidade, este atributo humano, que é tão vosso, nos pareceu digno da melhor consideração e do melhor apreço.

Aliás — está bem claro — este sentido de companheirismo decorre em boa parte de nossa formação cristã e da filosofia vicentina que adotastes para a vossa vida e à qual tendes sido de uma fidelidade inigualável, o que constitui, sem dúvida, o galardão máximo de vossa glória, esta glória que no fundo, é o reconhecimento da posteridade, como es-

crevia Frederico Ozanan, nome que vos é tão caro, em carta ao seu amigo Ernesto Falconnet, datada da cidade francesa de Lião, em 4 de setembro de 1831, e an qual ainda leio: "Assim como o homem de bem não espalha benefícios para obter recompensa, mas aceita os tributos que dela dimanam com deleite, assim também o verdadeiro cristão não age pela glória, mas não pode deixar de sensibilizar-se com ela. E como muitas vezes a ingratidão e o esquecimento acompanham os maiores benefícios, o homem justo leva mais longe suas esperanças: a recompensa e a glória espera ele tão somente de um juiz incorruptível, recorrendo da ingratidão humana para a remuneração divina".

E é ainda ao mesmo Frederico Ozanan, desta vez em carta a Lallier, escrita também de Lião, a 17 de maio de 1838, que vou tomar emprestado este magnífico perfil do santo a que tanto vos afeioastes e sobre cuja vida escrevestes: "São Vicente de Paulo, um dos mais recentes entre os canonizados (Ozanan escrevia em 1838), leva uma vantagem imensa pela proximidade do tempo em que viveu, pela variedade incontável dos benefícios que espalhou e pela universalidade da admiração que soube inspirar. As grandes almas, que mais de perto se aproximam de Deus, nele fruem algo de profético. Não pomos em dúvida que São Vicente tenha tido uma visão antecipada dos males e das necessidades de nossa época. Não era ele homem para construir sobre a areia nem para breve duração. A bênção contida no quarto mandamento pousa sobre a cabeça dos santos: honrando na terra o Pai Celeste, terão eles vida longa. Uma imortalidade terrestre lhes é outorgada em suas obras. Eis o motivo pelo qual os Agostinhos, os Bentos, os Brunos, os Franciscos, que dormem no pó há quinze, doze, oito e seis séculos, não deixam de ter uma posteridade espiritual, representantes seus erectos no meio das ruínas do passado. O astro de São Vicente de Paulo, surgido mais tarde no horizonte, não é destinado, sem dúvida, a fornecer carreira menos longa. Caminhemos sob as luzes; honremos também nosso pai na pessoa desse patrono tão digno de amor, e viveremos por longo tempo. Veremos, talvez, um dia, os filhos

de nossa velhice encontrarem um amplo abrigo debaixo dessa instituição, cujos primeiros passos incertos nós contemplamos".

Pois bem: a essa instituição, "cujos primeiros passos ainda incertos", Frederico Ozanan contemplava há quase 150 anos, ligastes a vossa vida, não apenas quando o "octium cum dignitate" acenou-vos uma vida tranqüila e remansosa, mas mesmo quando inda laboráveis nas vossas atividades de professor e depois de livreiro, pois há quase meio século vindes fazendo do programa vicentino o verdadeiro ideal de vossa vida e nisto — é-me grato registrar — supernamente acompanhado por vossa dedicada esposa e companheira.

Simplicidade, humildade, caridade, alegria respeitosa, eis os galões que ornamentam vossa armadura de cristão e vicentino. Quando Augusto Comte, que não era cristão e nem religioso, como vós bem o sabeis, perguntava a Clotilde de Vaux "que prazeres podem exceder os da dedicação?", nunca o grande fundador do Positivismo esteve tão perto de uma verdade cristã e vicentina. Parece ser essa a pergunta que vós mesmos e vossa digna companheira vos fazeis a todo o instante.

Não é de hoje, meu nobre confrade, que acompanho a trajetória de vossa vida. Quando, após uma ausência de mais de vinte anos, retornei a Campinas já na qualidade de professor de nossa Universidade Católica, habituei-me a passar os poucos momentos de lazer de que dispunha na livraria que a princípio foi de João Amendola e depois veio a ser vossa. Quando o saudoso Amendola faleceu há menos de dois anos, tive oportunidade de me ocupar dele num dos meus rabiscos semanais do "Correio Popular". Ressaltei o quanto o mundo estudantil e os meios cultos de Campinas ficaram devendo ao velho livreiro e humanista, recordando, inclusive, cenas de minha infância, pois até hoje conservo livros comprados em sua casa no meu tempo de grupo escolar. O que escrevi de Amendola, meu nobre confrade Messias Gonçalves Teixeira, poderá, sem muita alteração ser-vos aplicado, pois muito em comum tivestes com o saudoso amigo. Quando, de

certa feita, encontrei-o na Universidade Católica, aonde fora à procura de mestre Sampaio, seu cunhado, mas não o encontrando, ficou por longo tempo a conversar comigo, contou-me que havia vendido a livraria, mas que eu poderia continuar a freqüentá-la, pois iria me sentir muito à vontade com o novo proprietário. Indaguei quem era e elo o disse; mas, confesso, de momento não liguei o nome à pessoa, pois ausente de Campinas por mais de vinte anos, era natural que de muitas coisas e pessoas não me recordasse. Mas naquele mesmo dia, levado por Amendola, fui, não propriamente conhecer-vos, mas reconhecer-vos, especialmente depois que Amendola avivou-me a memória lembrando fatos de vossa vida.

E em vossa livraria senti-me realmente sempre muito à vontade, tal como antecipara Amendola. Acompanhei de perto vosso insano trabalho, para o qual contáveis com a colaboração até de vossos filhos, então estudantes — hoje renomados profissionais — e não raro até com a ajuda de vossas filhas. Acompanhei a trajetória de vossa livraria: da Sacramento para a Benjamim Constant e desta para a Glicério. Aqui, recorro com prazer as agradáveis reuniões de que participava, conversas descompromissadas ou trocas de idéias em torno dos mais variados assuntos, sempre na companhia de Darcy Paz de Pádua e do saudoso Júlio Sudário. Ali formávamos tertuliazinhas a que compareciam figuras expressivas da vida da cidade, aquelas que Júlio Sudário arrolou pitorescamente em suas deliciosas **Cartas que não são persas**. Não quero me furtar ao prazer de recordar a página que dedicou à vossa livraria. Ao saber que havias adquirido o estabelecimento de Amendola, teve esta expressão: “Não sei se vai dar certo, porque acho o Messias um sonhador; é mestre em engarrifar nuvens”, e recorda a seguir o que lhe dissestes um dia: “Venha dar-me uma mãozinha. Fique aqui umas horas. Aqui vem muita madre e muito padre inteligente. Vou apresentar-lhe Madre Irany Bastos, o Cônego Geraldo e o Cônego Milton Santana, o “Leão do Taquaral”. São dos nossos. Só não aparece Monsenhor Salim, mas vem o Amaury que é a mesma coisa. O Padre Narciso, que

vai acabar Reitor por exigência da mocidade, aparece sempre (Mal podia Júlio Sudário prever o triste fim de nosso grande companheiro). Temos aqui de tudo: professores, intelectuais, sábios e alguns asnos. Este chão dá espírita, maçom, protestante, macumbeiro... Aqui é um desfile. Cá estão sempre o Miranda, o Nelson Noronha Gustavo, o Gianini, o Odilon, o Gumercindo, o Onofre, o Omegna, o Amaral Santos, o Luso Ventura, o Quadros, o Gaia, o Laerte de Moraes, o Amaral Lapa, o Ernesto Alves Filho, o Maurício de Moraes, o Norberto Souza Pinto, a Belluomine, a Nilza Viegas, a Herculia Marques, a escritora Bertoni, a Cecilia Penteado, muitos ex-alunos seus como a Magda Ramos, o Gentil, o Biela, o Disney e o Fernando Maradei. De vez em quando baixa um amigo com juros de 5% ao mês, a metade das taxas dos bispos. Hoje estiveram aqui o Aquino, o Sampaio, o Gomes Júlio, o Rubem Costa, o Hélio Siqueira, o Cirino Ferreira, o Clovis Pansani, Frei Silvestre de Piracicaba, o Carvalhais, o Farjallat e a Farjallat, o Milton Segurado, o Isolino Siqueira, o Darcy Paz de Pádua, o Mangabeira, o Alexandre Santos Ribeiro, o Zink, o Olinto Meneses, a jornalista Conceição Toledo... e por aí afora. Essa galeria imensa, onde até quem vos fala incluído e da qual muitos já não mais se encontram entre nós, a começar pelo próprio autor, representa um corte não de todo desprezível, diria até bem significativo da vida intelectual de Campinas a mostrar que vossa livraria não era apenas uma loja para vender livros. E os lançamentos de livros e as conferências que nela se realizaram? Até que a vendestes e em outras mãos teve o fim melancólico que sabemos, a livraria que teve vosso nome incorporou-se ao patrimônio cultural de nossa cidade.

Seria desnecessário — por demais sabidos — pormenorizar os marcos principais de vossa vida, toda ela consagrada às coisas do espírito e da caridade: o início de vossa formação à custa de sacrifícios imensos, pois, como fazeis questão de frizar, viestes da roça com dezoito anos; a formatura pela nossa tradicional Escola Normal; o ano que passastes em outra tradicional Escola Normal, a de Casa Branca; o exercício do magistério em quase todos os estabeleci-

mentos de Campinas; a militância na imprensa; a vereança que exercestes eficientemente num dos momentos mais gloriosos do legislativo campineiro; a permanência em São Paulo, com exercício docente em importante colégio d a capital; a dedicação sem par à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e à Sociedade de São Vicente de Paulo; os estudos que empreendestes sobre nossa língua, levando-vos a redigir diversos volumes, nem todos, infelizmente, publicados; o estudo da vida e obra de São Vicente de Paulo, que vos propiciou produzir livro que alcançou enorme repercussão em todo o país e tantas outras coisas que enriquecem vosso currículo.

Pra que recordar mais? Há muito, meu nobre confrade, devieis estar entre nós; devieis mesmo ter sido um dos primeiros a integrar nosso grêmio, quando de sua fundação há um quarto de século. A tanto credenciava vossa bela folha de serviços à cultura e à comunidade. Assim como tardiamente (depois de quase meio século) vos foi concedida a cidadania campineira, também tardiamente, mas sempre em tempo, a Academia Campinense de Letras abre-vos hoje as portas para que nela tomeis assento na Cadeira que, em caráter vitalício, vos pertencerá a partir desta data. Cadeira que tem como patrono um jornalista e como fundador um jurista e que de hoje em diante será ocupada por um educador. A Imprensa, o Direito e a Educação como que se dão as mãos para iluminar a trajetória que ainda está reservada a essa Cadeira n.º 11. Ela vos pertence, Senhor Acadêmico Messias Gonçalves Teixeira. Estou certo de que ides honrá-la e dignificá-la com o mesmo sentido de honra e de dignidade que sempre soubestes imprimir a todos os atos de vossa abençoada existência. Sede bem-vindo!

Sala das Sessões, 22 de março de 1982

Odilon Nogueira de Matos

MEU QUERIDO PAPAI:

Era uma vez uma menina com dor de dente; para ir ao dentista era necessário atravessar o mar (Bertioga até Santos). Mas tudo se faz, para curar uma dor de dente, e Papai Messias e Mamãe Maria, tomaram a balsa, mesmo com uma grande tempestade; o mar agitado, jogava-se e jogava a barca. A menina, no colo com muito medo, escutou Mamãe Maria falar! “Não fique assustada, Deus é grande!”

— Um momento — Um pensamento — Um silêncio . . .

E eu, a menina no colo, perguntei:

— Deus é grande, mas maior que o papai?

O tempo passou, a indagação ficou e hoje não importa mais a resposta.

Papai é grande.

E para nós Papai, esta vitória maior na Academia Campinense de Letras, é emoção, é sentimento, é verdade. Mas é preciso ser claro, para expressar a você, que para nós não era necessário, ser imortal, proclamado e declarado, pois você é imortal para seus filhos, pelos seus ensinamentos, pela sua herança cultural que você nos legou.

Nós tivemos o privilégio de viver com você, de descender de você, e neste quotidiano, neste dia-a-dia de infinita sabedoria, você se immortalizou; em cada frase, em cada gesto, em cada palavra amiga.

E existe uma frase que é sua, que sempre me vem à memória:

Gráfica Verônica Ltda.
Alameda Cabral, 560
Curitiba-PR

— “Na vida existem 3 verbos fundamentais: ESPERAR, CHEGAR e PASSAR; e é muita verdade, não? . . . mas no plano dos acontecimentos, no plano dos fenômenos, no plano do concreto — tudo realmente a gente espera, chega e passa.

Mas no plano dos significados, no plano da essência, esta mesma que você nos legou, o verbo PASSAR, precisa ser substituído porque tudo foi esperado, tudo foi vivido com você, mas PERMANECER é o infinito que aqui deve ser inserido, porque sua figura nunca passará, você ficou e é nosso PAI, nossa expressão maior. . .

Campinas, 22-3-82

(Saudação proferida pela Prof.^a MARIA TEREZINHA TEIXEIRA DOS SANTOS, na noite de 22 de março de 1982, no “Restaurante Bom Apetite”, no Jantar que foi oferecido aos Participantes de sua posse na Academia Campinense de Letras desta cidade, a seu Pai PROF. MESSIAS GONÇALVES TEIXEIRA).

GRÁFICA VICENTINA LTDA - CURITIBA-PR